

---

## **“Someone’s Mouth Said, “Paint Them All Red””: O Genocídio Armênio E A Luta Do System Of A Down Pelo Seu Reconhecimento <sup>1</sup>**

Klisman Gama LIMA<sup>2</sup>

Sofia Torres ALVES<sup>3</sup>

Vanessa Lima da Mota SILVEIRA<sup>4</sup>

Thiago SOARES<sup>5</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo abordar o trabalho da banda norte-americana *System Of A Down* (SOAD) em buscar o reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), e dos diversos países que ainda não o fizeram, sobre o genocídio armênio. Apresentamos aqui uma breve história do acontecimento histórico, do surgimento da banda e de seu relacionamento com a cultura armênia. Analisamos os possíveis motivos pelo, até então, não reconhecimento da ONU e de que maneira o discurso político do SOAD interferiu nesse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Genocídio Armênio; Reconhecimento; *System Of a Down*.

### **Apresentação**

O *System Of a Down* é uma banda armeno-americana, fundada em 1992 com o nome de *Soil*. Em 1994, assumiram o nome atual, inspirado em um poema do seu guitarrista, Daron Malakian, chamado “*Victims of a Down*”. O *System* do nome veio como forma de adquirir maior impacto e sonoridade ao nome do conjunto. O grupo é formado pelo vocalista Serj Tankian, o guitarrista Daron Malakian, baixista Shavo Odadjian e o baterista John Dolmayan, formação mantida desde 1997. Erradicados na Califórnia, formam a banda de metal alternativo que mistura linhas de brutalidade em suas letras e arranjos instrumentais, com letras muitas vezes politizadas e tons melódicos, quebrando a pancadaria das partes enérgicas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [klisman.gamalima@gmail.com](mailto:klisman.gamalima@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [sofiaalves98@outlook.com](mailto:sofiaalves98@outlook.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [silveirav@nemlhs.com](mailto:silveirav@nemlhs.com).

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPE.

da música, que retornam quando menos se espera. A banda tem cinco álbuns lançados e aproximadamente 40 milhões de discos vendidos.

Todos os integrantes são descendentes de armênios e possuem parentes que foram vítimas do Genocídio Armênio, praticado pelo Império Otomano (hoje Turquia) em 1915, em que mais de um milhão e meio de armênios que viviam no território Otomano, foram mortos, enquanto outros vagaram pelo deserto na volta para casa.

A banda possui um forte laço com o país de seus antepassados e o carrega em diversos aspectos. Desde a letras de músicas que tratam sobre o Genocídio Armênio à utilização de tapetes típicos do país na decoração do palco em shows. Os integrantes são bastante ativos politicamente e são porta vozes do discurso que busca o reconhecimento da barbárie cometida pela Turquia em meados da 1ª Guerra Mundial. Seja em entrevistas, reuniões e ativismos, frequentemente algum dos integrantes do SOAD está participando dessa luta cansativa, demorada, mas que vem conseguindo avanços.

A convenção de prevenção e penalidade do crime de genocídio<sup>5</sup> foi adotada pela assembleia geral das Nações Unidas em 1948 com o intuito de reconhecer atos de genocídios e institucionalizar punições legais contra aqueles que têm o intuito de aniquilar, como um todo ou uma parte, grupos étnicos, nacionais, raciais ou religiosos. A convenção define dois elementos que caracterizam o crime, o elemento mental, onde ocorre a intenção deliberada e a premeditação do ato e o elemento físico detalhado em cinco seções do segundo ato onde os danos causados aos grupos são de fato perpetuados.

A palavra genocídio, do grego *genos* (raça, nascimento, espécie) e do sufixo *-cide* (massacre, assassinato) foi primeiramente idealizada pelo advogado polonês Raphael Lemkin quando investigava os efeitos do genocídio armênio. Considerado por historiadores e acadêmicos como sendo o primeiro ato de homicídio em massa da era moderna<sup>6</sup> e o segundo caso de genocídio mais estudado depois do Holocausto judeu<sup>7</sup>, o genocídio armênio foi causado pelo extermínio deste grupo pelo governo do império otomano, atual Turquia, durante 1915 a 1923.

Às vésperas da primeira guerra mundial, mais de dois milhões de cidadãos armênios

---

<sup>5</sup> Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide (CPPCG)

<sup>6</sup> De acordo com a Resolução da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, o genocídio armênio foi o primeiro ato deste tipo do século XX.

<sup>7</sup> R. J. Rummel afirma em seu artigo “The Holocaust in Comparative and Historical Perspective”.

viviam no agora extinto império otomano, porém ao fim do ano de 1922, deste contingente pouco menos de 400,000 mil armênios sobreviveram. Os outros – aproximadamente 1,5 milhões de pessoas – foram assassinadas pelo exército Otomano.

Mulheres, crianças, idosos, foram exiladas no deserto da Síria e sofreram terríveis formas de violência como estupros, espancamentos e privações de comida, bebida ou abrigo. Centenas de milhares de pessoas foram assassinadas por soldados turcos, policiais e bandidos curdos durante a deportação. Os outros morreram de doenças epidêmicas e dezenas de milhares de pessoas foram forçadas a adotar a religião islâmica.

Muitos destes atos foram documentados na época por diplomatas orientais, missionários e soldados alemães criando uma indignação generalizada contra os turcos no Ocidente. Apesar do grande número de testemunhas, a atual República da Turquia nega firmemente que um genocídio tenha sido cometido contra os armênios durante a primeira grande guerra, pois não havia premeditação nas mortes, nem houve tentativas sistemáticas de destruir o povo armênio. Além disso, a Turquia rejeita as provas sobre as atrocidades afirmando serem meras alegações e obstrui regularmente os esforços de reconhecimento. De fato, na Turquia, hoje continua a ser um crime até mesmo levantar a questão do que aconteceu com os armênios sob acusações de “insultos à Turquia”.



Localização da Armênia, na Ásia Ocidental. Reprodução: <http://www.infoplease.com/atlas/country/armenia.html>.

Após a criação da convenção de prevenção ao genocídio ter sido criada trinta anos depois do que ocorreu aos armênios, os sobreviventes buscam de forma incessante o reconhecimento do massacre e grupos de ativistas ao redor do mundo foram criados pressionando organizações e governos para que o genocídio possa ser condenado. Uma das mais influentes comunidades de ativistas que lutam pela causa se localiza em Glendale, na Califórnia, onde se concentra a maior comunidade armênia dos Estados Unidos e a maior fora do território armênio. Os ativistas pressionam o congresso norte americano há anos para que a condenação contra a Turquia seja de fato efetivada e um projeto de lei para esse efeito quase foi aprovado em 2007, ganhando uma maioria de co-patrocinadores que aprovaram a comissão de votos. Porém a administração da época, governada pelo presidente Bush, notou que a Turquia é um aliado crítico para o país, pois mais de 70% dos suprimentos militares aéreos para o Iraque passam pela base aérea de Incirlik e, portanto, o projeto foi retirado do congresso.

Atualmente 29 países reconheceram oficialmente os eventos históricos ocorridos Armênia como um genocídio - sendo o primeiro deles o Uruguai em 1965<sup>8</sup>-, porém sobreviventes e ativistas armênios continuam lutando pela justiça e para que o governo turco seja responsabilizado.

### **Referencial teórico**

Para embasar teoricamente o artigo para analisar o trabalho do *System Of a Down* em busca do reconhecimento do Genocídio Armênio, usaremos fundamentos de indústria cultural e multiculturalismo, utilizados por Douglas Kellner, e o conceito de cidadania cultural e consumo, de Nestor Canclini.

Kellner, em seu livro “A Cultura da Mídia”, aborda os estudos culturais, com auxílio dos textos da Escola de Frankfurt. Ele afirma que:

Os estudos culturais interdisciplinares, pois, recorrem a uma gama díspar de campos a fim de teorizar a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas de mídia/cultura/comunicações em nossa vida e demonstram como essas produções servem de instrumento de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e a

---

<sup>8</sup>

Fontes: [https://en.wikipedia.org/wiki/Armenian\\_Genocide\\_recognition](https://en.wikipedia.org/wiki/Armenian_Genocide_recognition)

<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece/>;

mudança. (KELLNER, 2001, p. 43).

A partir dos estudos culturais, juntamente com a definição de Indústria Cultural, proposta pelos pensadores da Escola de Frankfurt - “processo de industrialização da cultura produzida para a massa e os imperativos comerciais que impeliam o sistema” (Horkheimer e Adorno, 1972) -, Douglas Kellner analisa de que maneira a massificação dos produtos culturais proporciona a disseminação de ideais hegemônicos. Os produtos da indústria cultural tinham a função específica de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas. Dessa maneira, os receptores absorvem ideias específicas, que buscam manipular o entender do mundo, direcionando-os a uma visão americanizada dos fatos.

Os shows da banda *System Of A Down* podem ser considerados um exemplo de discurso midiático que combate essa ideia proposta pela Indústria Cultural, uma vez que possui músicas e discursos que vão de encontro com ideais consumistas, triviais e que não despertam um senso crítico em seus fãs. Em especial, o discurso pelo reconhecimento do Genocídio Armênio, que é contrário à visão de vários países de grande influência (EUA e da Europa) e da ONU. Genocídio que não é reconhecido, também, por importantes questões econômicas envolvendo esses países e a Turquia, já que a tem como uma grande parceira comercial.

Os produtos da cultura da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas. (KELLNER, 2001, p. 123).

Ele ressalta que deve haver um consumo crítico desses produtos. Os textos culturais buscam atingir o maior público possível e, para isso, muitos não se restringem somente a vias “conservadores” ou “liberais”.

Os textos da cultura da mídia incorporam vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas, construções de imagens e efeitos que raramente se integram numa posição ideológica pura e coerente. [...] certos textos dessa cultura propõem pontos de vista ideológicos específicos que podemos verificar estabelecendo uma relação deles com os discursos e debates políticos de sua época, com outras produções culturais referentes a temas semelhantes e com motivos ideológicos que, presentes na cultura, estejam em ação em determinado texto. (KELLNER, 2001, p. 123).

Partindo deste trecho do livro, percebemos como é necessária uma crítica mais atenta aos discursos midiáticos, para evitarmos a manipulação dos ideais dominantes. Essa avaliação

crítica deve se dar por meio de perspectivas multiculturais, uma vez que, diferentes discursos transmitem diferentes culturas. Logo, o multiculturalismo crítico é de extrema importância no mundo globalizado, não só por ser necessário na hora de analisar os produtos da cultura mais profundamente, mas também por estar presente em alguns discursos contra hegemônicos, como veremos exemplos no decorrer deste artigo.

Essa transformação da cultura em mercadoria, sua padronização e massificação, pode ser relacionada com os estudos propostos por Canclini sobre o consumo.

Canclini, por sua vez, parte sua análise sobre consumo, em seu livro “Consumidores e Cidadãos”, a partir do conceito de que:

[...] o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercício de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais [...]. (CANCLINI, 2008, p. 60).

Entendemos por meio desta que, apesar da permanente ideia de que o consumo é apenas uma ação econômica, descontrolada, onde os agentes buscam satisfazer seus desejos materiais - nessa visão, é abordada somente a racionalidade econômica do consumo, onde o mesmo é compreendido como um momento de ciclo de produção e reprodução social, isto é, onde se completa a expansão do capital e reproduz a força de trabalho -, esse processo é bem mais complexo do que imaginávamos.

Mas o consumo está relacionado também à racionalidade sociopolítica interativa.

“Uma teoria mais complexa sobre a interação entre produtores e consumidores, entre emissores e receptores, tal como a desenvolvem algumas correntes da antropologia e da sociologia urbana, revela que no consumo se manifesta também uma racionalidade sociopolítica interativa.” (CANCLINI, 2008, p. 61).

Essa noção do consumo se refere à interação entre produtores e consumidores, entre emissores e receptores em que os produtores e emissores não só devem seduzir os destinatários, mas também justificar-se racionalmente porque os indivíduos devem consumir. Por meio dessa ótica, Castells define o consumo como sendo “um lugar onde os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade em relação à distribuição e apropriação dos bens”. (CASTELLS, 1974).

Canclini analisa as diferentes linhas de trabalho às quais o consumo está relacionado,

mas o ponto crucial, o fundamento principal, abordado por ele é a maneira como o consumismo influencia politicamente na sociedade. Ao afirmar que o consumo serve para ordenar politicamente a sociedade - processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados, eminentemente sociais, subordinado a certo controle político das elites - obtemos a base teórica necessária para analisar, de maneira mais profunda, como o discurso político presente em diversas músicas do SOAD, consumidas como objeto material de desejo dos fãs, transforma a visão destes não só sobre o genocídio armênio, como também questões ambientais e contra guerras.

Esse estudo mais aprofundado foi possível graças ao processo de globalização, entendido pelo autor como “uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros [...]”. (CANCLINI, 2008, p. 32).

Desta maneira, países periféricos sofrem constante bombardeio de mercadorias e, conseqüentemente, da cultura dos grandes centros de influência mundial, Estados Unidos e Europa. A livre circulação dos objetos de consumo desses grandes centros, transmitindo, juntamente com a comunicação de massa, os ideais presentes nos países de primeiro mundo, influencia diretamente no exercício da cidadania dos povos que estão sob seu domínio econômico. É partindo desse fator que abordamos outro conceito apresentados por Canclini: o de cidadania cultural.

Canclini sintetiza as mudanças socioculturais em cinco processos:

- a) Um redimensionamento das instituições e dos circuitos de exercício do público: perda de peso dos órgãos locais e nacionais em benefício dos conglomerados empresariais de alcance transnacional;
- b) A reformulação dos padrões de assentamento e convivência urbanos [...];
- c) A reelaboração do “próprio”, devido ao predomínio dos bens e mensagens provenientes de uma economia e uma cultura globalizadas sobre aqueles gerados na cidade e na nação a que se pertence;
- d) A conseqüente redefinição do senso de pertencimento e identidade [...];
- e) A passagem do cidadão como representante de uma opinião pública ao cidadão interessado em desfrutar de uma certa qualidade de vida. (CANCLINI, 2008, p. 39/40).

Por meio desses processos entendemos de que forma uma dada sociedade pratica o exercício da cidadania mediante a cultura na qual está inserida. A cidadania cultural é diferente em diversos países. Por ser uma superpotência e usufruir de grande poder de

influência, os Estados Unidos apresentam uma cultura própria muito bem definida, mantendo assim a predominância da “unificação nacional”, ou seja, uma visão cultural homogênea que garante uma cidadania cultural fixa.

Já os países que sofrem com constante influência, não só dos Estados Unidos como da Europa, e com a livre circulação de pessoas, produtos e mensagens, juntamente com o abafamento da cultura nacional, faz com que a cidadania cultural esteja em constante mudança, transformando a cultura desses países em algo globalizado, internacional, heterogêneo, não próprio daquela sociedade.

Não podemos dizer que a globalização é de toda ruim, mas é possível afirmar que a cultura dos países periféricos se perde com esse processo, sua história torna-se algo restrito apenas aos membros daquela sociedade. Os Estados dos países de menor influência ficam a mercê de decisões dos governos americanos e europeus.

A partir dessa análise, iremos abordar os possíveis motivos do não reconhecimento do genocídio armênio pela ONU, como também o não conhecimento desse fato por diversos países.

## **Metodologia e Análise**





Fronteira entre Armênia e Turquia, separados pelo Rio Aras. Reprodução: Google Maps.

A princípio, começamos com uma análise da música *Holy Mountains*. Oitava faixa do álbum *Hypnotize* do SOAD. A canção retrata a peregrinação dos armênios expulsos da região em que viviam, no Império Otomano, e dos milhares de assassinatos cometidas a mando do imperador. O povo foi levado de maneira brutal pelo exército Otomano por numa caminhada de diversos dias, sem direito a água e comida. Além disso, mulheres e crianças eram constantemente violentadas e abusadas pelos turcos. Mulheres, crianças e idosos formavam a maioria dos foram expulsos, enquanto diversos homens foram aprisionados e mortos. Os que morreram, tiveram seus corpos amontoados e jogados no Rio Aras, que divide a Armênia da Turquia, à sudoeste e nordeste de cada, respectivamente. O rio se localiza numa região montanhosa, daí a citação das “montanhas sagradas” dita na música. Uma dessas montanhas é o monte Ararate, que segundo a bíblia, é o local em que a arca de Noé parou e todos que estavam na arca, desembarcaram. Isso liga-se ao fato de que a grande maioria da população é composta por cristãos e ser mais um dos motivos para o governo turco-otomano ter cometido tal barbárie contra o povo armênio.

Segue, abaixo, a letra da música *Holy Mountains* para a análise:

*Can you feel their haunting presence?  
Can you feel their haunting presence?  
Liar! Killer! Demon! Back to the river Aras!*

---

*Someone's blank stare deemed it warfare  
 Liar! Killer! Demon! Back to the river Aras!  
 Freedom! Freedom! We're free! We're free!  
 Can you hear the holy mountains?  
 Liar! Killer! Demon! Back to the river Aras!  
 Someone's mouth said, "paint them all red"  
 Liar! Killer! Demon! Back to the river Aras!  
 Freedom! Freedom! We're free! We're free!  
 They have returned, resting on the mountainside. We have learned  
 that you have no...  
 They have returned, resting on the mountainside. We have learned  
 that you have no...  
 Honor! Murderer! Sodomizer! Back to the river Aras!  
 They have returned, resting on the mountainside. We have learned  
 that you have no...  
 Honor! Murderer! Sodomizer! Back to the river Aras!  
 Freedom! Freedom! We're free! We're free! (SYSTEM OF A DOWN,  
 2005, HOLY MOUNTAINS)*

É curioso o fato de que o *System Of a Down* seja um produto da cultura da mídia, que possui um sucesso mundial graças à globalização do *Rock n' roll* em diversos países, sejam dos grandes centros ou em países subdesenvolvidos, onde possuem os mais fervorosos fãs, a exemplo do Brasil. Entretanto, a banda apresenta um discurso que choca com os ideais do círculo em que estão inseridos, pois assim eles dão voz a grupos –dos quais estão inseridos– que lutam para que o Genocídio Armênio não caia no esquecimento. Além do mais, outros fatores como críticas às campanhas bélicas dos Estados Unidos e os gastos com guerras, além de malefícios trazidos ao meio ambiente e à sociedade pelo capitalismo e o Estado. Através da canção *Holy Mountains*, a banda conta um pedaço da história da expulsão e milhares de mortes de seus antepassados e conterrâneos na volta para a Armênia. Eles passam a mensagem da crueldade sofrida pelo povo e tentam conscientizar que aquelas mortes não foram em decorrência simplesmente da Primeira Guerra Mundial. Foi algo direcionado contra os Armênios. Um grito por justiça, chamando aqueles que cometeram as atrocidades, de mentirosos (devido às histórias falsas de que foi uma remoção não violenta do povo das terras Otomanas), assassinos e demônios, os poderosos e militares turco-otomanos que participaram, direta ou indiretamente, num dos maiores massacres do século XX.



*System Of a Down* no show em Yerevan. Reprodução: Youtube.

Após a análise da canção, utilizaremos agora como objeto de estudo o show do *System Of a Down* realizado em Yerevan, capital da Armênia, em abril de 2015, encerrando a turnê “*Wake Up the Souls*”, em homenagem aos 100 anos do Genocídio Armênio. Turnê essa que rodou a Europa e arrastou grandes públicos, como todos os shows da banda. No país natal de suas raízes, o SOAD encerrou a sequência de shows fazendo um dos mais longos da sua história, com mais de duas horas de duração, um grande *setlist* e com apresentação de três vídeos, intercalando a apresentação em três blocos, contando um pouco da história do genocídio e suas consequências. Além disso, o show contou com discurso do Serj Tankian, dedicatórias antes de algumas músicas e a apresentação de uma música folclórica típica da Armênia.

No show, realizado para lembrar o genocídio, milhares de pessoas se reuniram na Praça da República da capital da Armênia para o show do *System*. Show esse que podemos analisar seguindo a linha de Nestor Canclini e Douglas Kellner. Através da globalização, o estilo musical do Rock chegou em vários cantos do planeta, e diferentemente da maioria das coisas vistas na indústria cultural, a banda deu voz às pessoas desse país em nível mundial. Ela trouxe um discurso que bate de frente com o das nações hegemônicas e da ONU, de não

---

reconhecer o Genocídio Armênio. E nos vídeos apresentados ao início de cada um dos três blocos, foi mostrado que os Estados Unidos também têm influência no não reconhecimento do genocídio. Primeiro pelo fato de ser um dos países com poder de veto na Organização das Nações Unidas, e segundo por ter a Turquia como um grande parceiro comercial e militar. Os EUA possuem uma base militar estratégica no território turco para abastecimento de suprimentos nos confrontos no Oriente Médio, logo, não é do interesse deles entrar em rota de colisão com a política turca, pois os afetaria diretamente.

O *System Of a Down* pode ser encaixado no conceito de multiculturalismo por evocar discursos anti-hegemônicos e utilizar-se dos meios deles para poder ter um maior poder de propagação do seu discurso. Ou seja, com a mídia cada vez com maior poder de alcance, as mensagens de seu interesse possuem maior penetração nas sociedades, entretanto, esse alargamento cria uma via de mão dupla e permite grupos que tenham sua voz abafada pelos que detém o poder, possam emergir e fazerem ser ouvidos, coisa que o grupo de *new metal* consegue fazer muito bem nesses mais de 20 anos de carreira.

Em discurso durante o show, o vocalista Serj Tankian agradece ao comparecimento do público e afirma que ali não estão somente fazendo um show, mas que estão sendo porta vozes de uma luta que não deve cair no esquecimento e deve sempre ser lembrada, para que o Genocídio Armênio seja reconhecido e os culpados paguem pelo que fizeram, nesse caso, o Estado Turco. Ele conta a história dos seus avós, vítimas diretas do genocídio. A avó foi salva por um turco, e o avô perdeu a visão devido à fome na caminhada em direção à Armênia. Ele pede pelo reconhecimento dos outros países e fala que os armênios têm muito trabalho por fazer ainda em busca disso, além de provocações à líderes de países que não reconhecem. Esse discurso é incorporado pelos fãs da banda, que passam a formar um senso crítico sobre a barbárie e tomam um posicionamento a favor do grupo, endossando ainda mais a luta. Assim a marca *System Of a Down*, mesmo vindo de um grande centro de unidade cultural como os Estados Unidos, na sua ideologia, não se integra ao discurso homogêneo que interessa ao país e consegue atingir milhões de pessoas, conscientizando seus fãs sobre os discursos que carregam.



Serj Tankian em entrevista para canal neozelandês. Reprodução: Youtube.

Serj Tankian, vocalista da banda e porta voz político do grupo, também se utiliza do advento da imprensa para dar vazão aos princípios de sua luta por justiça. Através de diversas entrevistas em diferentes veículos da mídia como, rádios, programas de tv e artigos para jornais e revistas, o cantor é o principal responsável pelo posicionamento político da banda também fora dos palcos, por externar e participar mais ativamente.

Em dezembro de 2015, Tankian participa de uma entrevista, á qual analisaremos, para o canal neozelandês TV3 com o repórter Tonny Wright para discutir o genocídio e como ele moldou suas ideias políticas. A entrevista de duração aproximada de 20 minutos aborda primeiramente o fator histórico por trás do genocídio, através de imagens e gravações feitas por jornalistas na época retratando armênios em fuga do país e em condições sub-humanas nos desertos turcos.

O repórter primeiramente questiona em qual momento específico da vida do cantor lhe foi informado sobre tema do massacre e como isso veio a influenciar sua carreira artística. O músico esclarece a história de sobrevivência de seus avós paternos e maternos e a dificuldade que tinham em contar os detalhes do que foi ocorrido devido a grande brutalidade que vivenciaram e tendo sendo criado nos Estados Unidos lhe fez perceber a hipocrisia política ao

---

redor desse tema que era negligenciado e escondido pelo governo norte-americano. A partir desse momento, Tankian se questiona quantas outras “verdades” estariam sendo encoberta pelos governos mundiais e isso lhe transformou socialmente consciente em termos de política. Sua influência musical também se formou a partir de questões sociais e engajadas ao movimento ativista.

Questionado sobre sua opinião na possibilidade de futuramente os Estados Unidos oficialmente reconhecer o Genocídio Armênio o cantor deixa claro que não é apenas reconhecimento que o movimento busca. De acordo com ele, a comunidade ativista armênia mudou seu foco de intenção a partir do momento em que o genocídio se tornou um jogo de poder político para diversos países que possuem ligações econômicas com a Turquia. O povo armênio busca por justiça, por restituição de terras e por posicionamentos por parte da organização dos direitos humanos. O reconhecimento é importante de fato para que outros atos como esse não permaneçam silenciados, porém como cita o autor: “Qual o significado do reconhecimento sem a justiça?”.

Podemos observar claramente que a banda *System Of a Down* em conjunto é extremamente politizada e utiliza dos recursos midiáticos ao seu alcance, por se tratar de um produto musical, para conscientizar não só os apreciadores da música, mas também aqueles que não costumam geralmente escutar o estilo metal alternativo que eles produzem e dessa forma a utilização de outras mídias como a Tv, o cinema e a mídia impressa geram um alcance de público muito maior. É através da resposta desse público, também inserido como fora do contexto musical da banda que acaba por concretizar aquilo que Canclini cita como a racionalidade sociopolítica interativa que liga o consumo midiático e a interação entre produtores e consumidores a influenciar politicamente a sociedade.

### **Resultados / Considerações Finais**

Após anos de trabalho não só dentro dos palcos, mas também no ativismo político, o *System Of a Down* conseguiu sim trazer certos avanços na questão do reconhecimento. Através de suas músicas, milhões de fãs pelo planeta puderam aprender e tomar consciência sobre o Genocídio Armênio, assunto que não é ensinado nas escolas. Apesar de avanços lentos, à nível de nações e políticos, em mais de 20 anos de fundação, a banda conseguiu não

deixar o assunto no esquecimento. Ele segue à tona. E cada vez mais pessoas tem conhecimento.

Acreditamos que esse artigo, que já é influenciado pelo trabalho do *System Of a Down*, mesmo que minimamente, servirá também para levar conhecimento sobre a causa armênia para mais pessoas, sempre apontando a importância que a causa possui e o quanto o povo armênio sofreu, resistiu e luta para que sejam ouvidos e que a justiça seja feita. Enquanto isso não acontece, o número de pessoas que se interessam pelo assunto e o defendem cresce no mundo, graças aos esforços do quarteto armeno-americano do Metal e da comunidade armênia em todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. 7.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 228p.

CASTELLS, Manuel. **La cuestión urbana**. 2.ed. México: Siglo XXI, 1974. Apéndice a la segunda edición.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001. 454p.

### Sites Consultados

<http://genocidioarmenio.com.br/historia/quem-reconhece/>

<http://genocidioarmenio.com.br/historia/bibliografia/>

[http://www.nytimes.com/ref/timestopics/topics\\_armeniangenocide.html](http://www.nytimes.com/ref/timestopics/topics_armeniangenocide.html)

<http://www.preventgenocide.org/genocide/officialtext-printerfriendly.htm>

<http://www.ideajournal.com/articles.php?id=17>

[http://www.armenian-genocide.org/Affirmation.153/current\\_category.7/affirmation\\_detail.html](http://www.armenian-genocide.org/Affirmation.153/current_category.7/affirmation_detail.html)

<https://spreadingthesound.com/2014/01/21/cancion-de-la-semana-holy-mountains/>

<http://siteofadown.com/genocidio>

<http://siteofadown.com/news/serj-tankian-fala-sobre-o-show-do-system-of-a-down-na-armenia-e-critic-a-obama/>

### Documentário Consultado

GARAPEDIAN, Carla. **Screamers**. Documentário – Longa Metragem (95 minutos). 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QcsNMhYP378>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017.

### Vídeo Consultado

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Kr-hfYPcdD4> >. Acesso em 06 de fevereiro de 2017.